

As construções de duplo objecto em Xitshwa: sua influência em falantes do português (L2)

Ruy Marcelino Matsimbe Cumbane*

Bolseiro da FCT

0. Resumo

Em Xitshwa existem construções pós-verbais encabeçadas por um verbo ditransitivo que envolvem mais do que um argumento NP – são construções de *duplo objecto*. Os resultados das pesquisas conhecidas apontam para diferentes conclusões quanto à forma como os dois objectos NP se distribuem dentro de VP: [Chomsky (1957)] sugere um NP-objecto imediatamente dominado por VP. [Larson (1988a)] propõe que, em estrutura profunda, os VP's contêm um V vazio cujo complemento é um VP contendo o primeiro objecto na posição de especificador, o Verbo, e o segundo objecto em posição de complemento. [Aoun e Sportiche (1983)] colocavam os dois NPs em igualdade de tratamento (c-comandando-se mutuamente), predizendo assim a não existência de assimetrias de domínio sintáctico baseadas na estrutura hierárquica. Tentaremos essencialmente explicar as diferenças existentes em línguas como o Xitshwa e o Português Europeu (doravante PE) relativamente a este tipo de estruturas e, por conseguinte, o comportamento desses objectos em relação a itens como ordem linear, animacidade, hierarquia temática, passivização, e simetria. Abordaremos também a influência que tal construção exerce em falantes do Português (L2).

1. Introdução

A distribuição original dos dois objectos dentro do VP é uma questão importante em Xitshwa em virtude da alternância na sua ocorrência e à intervenção de factores extra-sintácticos. Os objectos, em virtude da ausência de preposição nesta língua, ocorrem na sequência DP-DP e nunca na disposição DP to-DP. Os exemplos que se seguem ilustram essa situação:

- 1a. Jhon gave the money to Mary.
a'. Jhon gave Mary the money. (dative shift construction).

- b. João inykile (V) Maria (OI [+humano]) male (OD[-humano]).
João ofereceu Maria dinheiro
'O João ofereceu dinheiro (à) Maria.'

* Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – POCTI – Formar e Qualificar – Medida 1.1
À Olímpia de Jesus Pereira dos Santos e à Mariana Marcelino Matsimbe dos Santos Cumbane

b'. ?João inykile (V) male (OD[-humano]) Maria (OI[+humano]).

b'' *'O João ofereceu dinheiro (à) Maria'.

c. O João ofereceu dinheiro à Maria.

c'. *O João ofereceu Maria dinheiro.

d. João i+mu+nyk+ile male.

João pv(3^ap.sg)+ MO + rad (dar) + asp dinheiro

'João ofereceu-lhe dinheiro'.

d'. Amale yimunyketilwe hi João.

'O dinheiro foi-lhe dado pelo João.'

Em (1a'), (1b), e (1c') o OI aparece sem preposição e imediatamente antes do OD, formando uma estrutura do tipo DP-DP, sendo esta a única estrutura passível de ocorrer em Xitshwa devido à ausência de preposição a reger o chamado OI. Em Inglês esta disposição deve-se à ordem DP to-DP como defendido em [Larson (1988)] e outros; ou então trata-se realmente da ordem original, [Oehrle (1976)], [Kayne (1984)], [Jackendoff (1990)], [Pesetsky (1995)] e outros, sendo estes, pontos de partida importantes para a análise de estruturas de duplo objecto. Saliente-se no entanto que tal estrutura não é aceite em PE. Em 1d. temos uma MO (marca de objecto) em vez do NP-OI, que também ocorre em frases passivas (1d').

2. Problematização e proposta de solução para o Xitshwa

Nas frases do Xitshwa de (1b – b') ocorre unicamente a estrutura DP-DP o que torna incongruentes as designações *objecto directo e objecto indirecto*; de agora em diante *O1* e *O2*, respectivamente¹. Esta construção deve-se à *capacidade* de selecção dos objectos por parte do verbo. Assim, nesta língua, um verbo ditransitivo seleccionará uma estrutura em que a construção de duplo objecto será inevitável como em (1b – b').

O exemplo de (1b) é uma construção típica de *duplo objecto* em que o O1 é um argumento [+ humano] e O2 é um argumento [- humano]. No entanto, este tipo de construção não se satura neste exemplo. A construção de (1b') em que a disposição daqueles argumentos é contrária também parece possível, sem que haja, no entanto, qualquer tipo de alteração na semântica do enunciado. O que se pretende nesta fase é tentar encontrar uma explicação para esta alternância na adjacência dos objectos no verbo, ou seja, a razão que leva uma língua como o Xitshwa a permitir essa alternância e a levar uma língua como o PE a rejeitar tal processo.

¹ Nos dados do Xitshwa, os atrás designados OI e OD deveriam ser chamados O1 (objecto1) e O2 (objecto2), respectivamente. Esta proposta evitaria a confusão derivada do uso dos termos *directo e indirecto*, visto que, em Português, o OD é o argumento de V que na maioria dos casos apresenta características [-HUMANAS] geralmente adjacente a V; e o OI, o argumento de V que se encontra regido de *preposição* e grosso modo com características [+HUMANAS], cf. [Mateus (1989: 163-169)].

2.1. Animacidade

A animacidade – explicação comumente avançada – embora seja um factor perturbador da simetria do Xitshwa, só explica a adjacência de O1 no verbo e não a deslocação de O2 para essa mesma posição. Seja como for, neste domínio, a gestão dos enunciados abaixo é problemática, dada a profusão de graus de animacidade:

- 2a. Awasati imahile (V) mbyana (O1[+anim/-hm]) yiluma akondlho (O2[+anim/-hm]).
mulher fez cão (O1) morder rato (O2)
'A mulher fez cão morder rato.'
- a'. Awasati imahile(V) akondlho(O2[+anim/-hm]) giluma(V) mbyana(O1[+anim/-hm]).
mulher fez rato (O2) morder cão (O1)
'A mulher fez rato morder cão.'
- b. Amoya utxukumetile (V) ribye (O1[-anim]) sinyá (O2[-anim]).
vento atirou pedra (O1) árvore (O2)
'O vento atirou pedra árvore.'
- b'. Amoya utxukumetile (V) sinyá (O2) ribye (O1).
vento atirou árvore (O1) pedra (O1)
'O vento atirou pedra árvore.'

Os exemplos de 2. são de fácil gestão quando os NPs-objecto diferem em grau de animacidade como em (1b – b'). A questão é: o que acontece quando os dois NPs têm o mesmo grau de animacidade como em (2a – a')? E se os dois forem inanimados como em (2b – b')?. Estas questões raramente ou quase nunca são levantadas pelos defensores do critério de animacidade, cfr. [Bresnan e Moshi (1990)]. Então, que princípio rege a ordem de ocorrência dos objectos em Xitshwa?

2.2. Hierarquia temática

[Kiparsky (1988)] parece conceber a generalização correcta ao postular que os objectos obedecem a uma hierarquia dos seus próprios papéis temáticos:

[Agente < Beneficiário < Instrumental < Tema < Locativo < Verbo>>>>]

Segundo este ponto de vista, os papéis temáticos podem ser gramatical ou semanticamente ligados às formas de superfície. Assim, o sujeito é o elemento que desempenha o papel temático mais importante na hierarquia e os objectos são definidos como quaisquer outros papéis temáticos gramaticalmente ligados. Os outros argumentos como os PPs oblíquos são semanticamente ligados. O sujeito e os objectos são diferenciados somente por meio das suas posições na hierarquia e

pelos mecanismos morfossintácticos pelos quais são expressos. Caso ocorram dois objectos, o tematicamente mais importante (Beneficiário) é o que sobe preferencialmente para a posição de sujeito passivo em Xitshwa (e não em PE). Este facto levanta a questão do comportamento dos objectos em línguas como o Xitshwa nas quais o objecto tematicamente menos importante (Tema) pode, por sua vez, subir para a posição de sujeito da passiva na presença do objecto tematicamente mais importante. Kiparsky argumenta que, nesses casos, não obstante as aparências, o papel tematicamente mais importante, o de Beneficiário, não representa um objecto mas sim um oblíquo com roupagem de objecto...

2.2.1. Testes sintácticos

Na tentativa de explicar a inexactidão de Kiparsky acerca do facto de o argumento Beneficiário não ser um verdadeiro objecto, inspirámo-nos em [Bresnan e Moshi (1990)] que referem testes sintácticos capazes de distinguir os objectos dos oblíquos. Esses testes aplicados ao Xitshwa permitem-nos concluir que:

a. Os verdadeiros oblíquos como locativos e *by-Prhase* são geralmente opcionais, no entanto, um objecto beneficiário, em enunciados ditransitivos do Xitshwa, é sempre obrigatório:

- 3a. V *(NP^{ben}) NP^{pac}
 b. NP^{pac} V^{pass} *(NP^{ben})

b. Ordem linear: os objectos precedem os oblíquos no contexto pós-verbal:

- 4a. V Obj Obl
 b. *V Obl Obj

c. A ordem linear entre os oblíquos não é fixa:

- 5a. V Obl^{loc} Obl^{ag}
 b. V Obl^{ag} Obl^{loc}

Tudo parece indicar que o NP-beneficiário se comporta como um objecto e não como um oblíquo. Mesmo quando o argumento Tema, hierarquicamente abaixo do Beneficiário, sobe para a posição de sujeito da passiva, o Beneficiário antecede o Agente *by-prhase*:

- 6a. V Obj Obl
 b. *V Obl Obj

Outras características sintácticas que diferenciam os oblíquos dos objectos têm a ver com o facto de somente funções directas (Paciente/Tema 7a'-a'') e Beneficiá-

rios (7a'''), poderem ser relativizados, sofrerem a clivagem e serem topicalizados o que não pode suceder com os oblíquos:

- 7a. Awasati igondzela nwanana (Ben) abuku (Tema).
'A mulher lê o livro para a criança.'
- a'. Ibuku legi gigondzelwaku nwanana hi wasati (relativização e clivagem)
'É o livro que é lido pela mulher para a criança.'
- a''. Abuku. hi wasati ga gondzelwa nwanana. (topicalização)
'O livro, pela mulher é lido para a criança.'
- a''' Ixinwanana lexi xindzelwaku buku hi wasati. (passivização/relativização)
'É a criança que é lida o livro pela mulher.'

Através dos testes feitos, tentámos demonstrar que os argumentos internos do verbo comportam-se diferentemente dos oblíquos e que podem ocorrer acima dos sujeitos passivos na hierarquia temática. A teoria de Kiparsky explica o caso das línguas de objectos assimétricos mas não explica o funcionamento de objectos simétricos.

2.3. Teoria dos avanços cíclicos

A *teoria dos avanços cíclicos* explica que este comportamento do O1 se deve a inexistência de preposição, o que provoca modificação nos requisitos de marcação casual, dando origem a construções de duplo objecto sem condições para a atribuição de caso estrutural aos dois NPs contidos na estrutura argumental do verbo e predizendo a inexistência de assimetrias de domínio sintáctico baseadas na estrutura hierárquica, o que possibilita os *avanços* do constituinte O1 para a posição de O2 e finalmente para a posição de sujeito, anulando qualquer diferença formal entre O1 e O2.

No entanto, [Gary e Keenan (1977)] numa teoria que chamaram *Two Object Analysis* (TOA) sustentam que esses avanços são impossíveis em línguas onde não existe uma hierarquia entre o O2 e o O1.

As línguas assimétricas assumirão outra configuração em virtude de só permitirem passivas em que intervenha o NP-beneficiário, significando este facto que a passiva de (8c.), nessas línguas, é agramatical:

- 8a. V NP^(Ben) NP^(Pac)
 b) NP^(Ben) V^(pass) NP^(Pac)
 c) *NP^(Pac) V^(pass) NP^(Ben)

2.4. Passivização

Em relação a passivização², reiteramos o facto de através de Mover- ∞ o Xitshwa (em frases do tipo [V O1[+ hum]O2[+hum]]) poder deslocar tanto o NP-tema como o NP-beneficiário para a posição de sujeito de frases passivas. No entanto, apesar de o mesmo processo ser possível em frases do tipo [V O1 [-anim]O2[-anim]] a sua computação mental parece algo estranha. O PE apenas pode admitir NPs-tema nessa mesma posição:

- 9a. Dadani i-xav-el-a nwanana abuku.
pai pv(3^ap.sg)-rad.(comprar)-ext-asp criança (Ben) livro (tema)
'O pai compra um livro à criança.'
- b. Nwanana i-xav-el-w-a abuku hi dadani.
criança pv(3^ap.sg)-rad.(comprar)-ext-morf. passiva-asp pai
* 'A criança é comprada um livro pelo pai.'
- c. Abuku gi-xav-el-w-a nwanana hi dadani.
livro pv(3^ap.sg)-rad(comprar)-ext. prep.-ext. passiva-asp pai
'O livro é comprado à criança pelo pai.'

2.5. Os objectos assimétricos: uma solução possível

A explicação para esta diferença encontra eco na chamada teoria dos objectos assimétricos. Os estudos mais relevantes sobre objectos assimétricos nas línguas bantu remontam a trabalhos efectuados principalmente a partir dos anos 90 por linguistas como [Machobane (1990)], [Bresnan e Moshi (1990a)], [Harford (1991)], [Rugemalira (1993)], [Woolford (1993)], [Alsina e Mchombo (1993)], [Alsina (1993)] e [(1994)] entre outros.

A teoria dos objectos assimétricos apresentada por Bresnan e Moshi assenta no facto de para um argumento interno expresso com marca de objecto (MO) passar a sujeito em frases passivas e ser reciprocado deve ter uma estrutura argumental [-o] em oposição à estrutura [+o]. Por essa razão, as línguas variam consoante admitem ou não na sua estrutura um ou mais do que um argumento [-r] (de acordo com [Bresnan e Moshi (1998:70)], o traço [-r] capta a natureza não restritiva de um objecto relativamente aos papéis semânticos com que pode estar associado; o traço [+o] indica que um complemento complementa apenas predicadores transitivos (e outros, como os nomes, adjectivos e frásicos). Esta teoria foi designada como parâmetro do objecto assimétrico (*the asymmetric object parameter*), um parâmetro de variação, que distingue as línguas simétricas, como as que podem permitir mais do que um argumento com a estrutura [-r], das línguas assimétricas, as que não permitem mais do que um argumento com a mesma estrutura. Para Bresnan e

² V. [Cumbane (2000)]

Moshi, este simples parâmetro de variação dá conta de muitas diferenças empíricas entre os dois tipos de línguas. Duas dessas diferenças estão representadas no quadro de 10., adoptado de [Alsina (1994)]:

10.

	LÍNGUAS SIMÉTRICAS	LÍNGUAS ASSIMÉTRICAS
+ do que uma MO na forma verbal	SIM	NÃO
Ocorrência de MOs em Formas verbais passivas	SIM	NÃO

Este método de classificação funda-se em [Hudson (1991)] que estabeleceu três testes fundamentais para a determinação da simetria ou assimetria das línguas:

11.

	LÍNGUAS SIMÉTRICAS	LÍNGUAS ASSIMÉTRICAS
a. Ordem linear: Qual dos dois NPs é adjacente ao verbo	BENEFICIÁRIO	TEMA/PACIENTE
b. Concordância: Qual dos dois NPs é controlado por um afixo no verbo	PACIENTE; BENEFICIÁRIO	SÓ BENEFICIÁRIO
c. Passivização: Qual dos dois NPs passa a sujeito em construções passivas	PACIENTE; BENEFICIÁRIO	SÓ BENEFICIÁRIO

Algumas línguas assimétricas, como o Chichewa, diferenciam-se também das línguas simétricas pelo facto de somente os argumentos com a função semântica de Beneficiário [-r] em construções ditransitivas poderem ser expressos como sujeitos da passiva. Por isso, qualquer outro argumento [+o] que co-ocorra com o argumento Beneficiário forçosamente não pode ser sujeito da passiva e nem pode ser expresso com MO. Contudo, nem todas estas línguas exibem esta assimetria, como [Harford (1991)] demonstrou para o Kitharaka (língua Bantu assimétrica). Esta língua e o Xitshwa (simétrica) carecem do impedimento que postula que somente beneficiários possam ser sujeitos da passiva, logo, estas línguas permitirão que ambos os seus argumentos internos se tornem MOs, ou um como MO e o outro como Sujeito em frases passivas.

O Chichewa, sendo uma língua assimétrica, não pode permitir a co-ocorrência de MOs no verbo (12c.) e também na construção passiva (12b.), como mostram os exemplos abaixo, retirados de [Alsina (1994)], embora permita que o argumento Beneficiário (caso ocorra) se desloque para a posição de sujeito da passiva (12a.):

- 12a. Atsíkana a-na-gúl-ír-idw-á mphâtsó.
2 girls 2 S-PST-buy-AP-PAS-FV 9gift
'The girls were bought a gift.'
- b. *Mphâtsó i-na-gúl-ír-idwa-á átsíkana.
9gift 9 S-PST-buy-AP-PAS-FV 2 girls
'The gift was bought (for) the girls.'
- c. * Atsíkana a-na-í-gúl-ír-idw-a.
2 girls 2 S-PST-9 O-buy-AP-PAS-FV
'The girls were bought it.'

Em suma, podemos sustentar que a razão porque o Xitshwa permitirá, em estruturas ditransitivas, que tanto o argumento beneficiário como a MO se desloquem para a posição de sujeito resulta do facto de ser uma língua simétrica em que a *livre escolha* do argumento interno para a posição do sujeito é permitida.

Veamos ainda um exemplo retirado de [Alsina (1994)] sobre dados do Runyambo (13a.), (b.) e (c.) – língua Bantu simétrica – em que (13b.) apresenta duas MOs e (13c.) uma MO na forma passiva (cf. ex. Id.-d'); em paralelo, apresentamos dados do Xitshwa (13a.), (b.) e (c.):

- 13a. Omuseija a-ka-reet-er-á omwáná ebiráátwa.
man he-PAST-bring-APP-FV child shoes
'A man brought shoes for the child.'
- a'. Awanuna i-xav-ile axinwanana azwilato
homem pv(3^op.sg)-rad.(comprar)-asp crianças sapatos
'O homem comprou sapatos (para a) à criança.'
- b. Omuséijá a-ka-bi-mu-réét-er-a.
man he-PAST-them-her-bring-APP-FV
'The man brought them for her.'
- b'. Awanuna i-xi-xav-el-e.
homem pv(3^op.sg.)-ela-rad.(comprar)-os-asp
'O homem comprou-os para ela.'
- c. Omwááná (ebirááatwa) a-ka-bi-reet-er-w-á omuséi.
Child (shoes) she-PAST-them-bri-APP-PASS-FV man
'The child was brought them (the shoes) by a man.'
- c'. Azwinwanana (azwilato) zwi-xav-isel-w-e hi wanuna.
crianças (sapatos) pv(3^op.pl.)-rad.(comprar)-os-morf. pass.-asp por homem
'A criança foram comprados (sapatos) por um homem.'

Nas frases de (13c.) e (13c.′) verifica-se que o argumento Beneficiário *omwáána* pode ocupar a posição de sujeito da passiva, mas o Tema ou Paciente já não pode, como se vê em (13e.); na frase Xitshwa de (13f.) isso parece possível:

13e. *Ebiráátwá (omwáána) bi-ka-mu-reet-er-w-á omuséija. (Runyambo)
shoes (child) they-PAST-her-bring-APP-PASS-FV man
‘Shoes were brought for her (child) by a man.’

f. ?Azwilato (azwinwanana) zwi-xav-isel-w-e hi wanuna.
sapatos (criança) pv(3ªp.pl.)-rad.(comprar)-ext.verbal-morf. passiva-asp
por homem
‘Os sapatos foram comprados para elas (as crianças) por um homem.’

A agramaticalidade da frase de (13e.) não anula a teoria de [Bresnan e Moshi (1994)], na verdade, como salienta [Alsina (1994)] ilustra a impossibilidade de qualquer área da linguagem poder ser cabalmente explicada por uma única teoria. Alsina sugere que em línguas simétricas como o Runyambo, em que o elemento passivizável é fixo, isso se deve à interacção de princípios. Assim, assume-se que nesta língua existe uma condição que estipula que uma oração passiva não pode incluir um NP-objecto explícito. Esta condição é complemento de outra que se aplica a diferentes línguas – Restrição sobre a Codificação de Argumentos interna à palavra: Os argumentos morfologicamente codificados não podem exibir um desajuste de proeminência entre a estrutura argumental e a hierarquia de funções gramaticais. O Xitshwa não possui esta condição, o que torna esta língua diferente do Runyambo, cfr. [Alsina (1994:158,160)] e ainda [De Guzman (1987)], [Machobane (1989)] e [Alsina (1994)].

3. Reflexos em falantes do português (L2)

Tomando ainda como exemplo a frase de (1b), que repetimos como (14a), verificámos que os falantes do Xitshwa que têm o Português como (L2) vão transpor a estrutura da sua língua materna para a segunda língua, privilegiando, por um lado, em frases básicas, a adjacência do argumento O1 ao verbo (14b), construindo estruturas *quase-próximas* do PE, mas sem preposição a reger O1 (14c); e por outro, construindo estruturas coincidentes com as do PE (14d). Na construção passiva, sem descurar a passiva do PE (14e), prefere-se a passiva dativa (14f):

- 14a. João inykile (V) Maria (OI [+humano]) male (OD[-humano]).
João ofereceu Maria dinheiro
‘O João ofereceu dinheiro (à) Maria.’
b. O João ofereceu Maria dinheiro.
c. O João ofereceu dinheiro Maria.
d. O João ofereceu dinheiro à Maria.

- e. O dinheiro foi oferecido à Maria pelo João.
- f. A Maria foi oferecida dinheiro pelo João.

4. Conclusão

Apesar de parte da solução passar justamente pela consideração de categorias semânticas, do nosso ponto de vista e pela análise que efectuámos, parece carecer de importância, a questão sistematicamente levantada sobre a importância e influência do traço [+humano] no facto de o NP-O1 preceder em primeira instância o NP-OD e por ser esse mesmo NP-O1 que *preferencialmente* se desloca para a posição de sujeito passivo.

Este manancial de estruturas e possibilidades de elucubrações teóricas sobre as construções de duplo objecto deve ser continuamente explorado para que se obtenham resultados profícuos para o desenvolvimento gradual de uma sólida gramática do Xitshwa, enriquecendo, por outro lado, o conhecimento que temos do Português Europeu.

Referências

- Alsina, Alex e Mchombo, Sam (1993) *Object Asymmetries*, Unpublished National University of Singapore ms.
- Alsina, Alex (1994) "Bantu Multiple Objects: Analyses and Fallacies", NUS, in *Linguistic Analysis*, Vol. 24, Nºs 3-4.
- Alsina, Alex (1996) "Passive Types and the Theory of Object Asymmetries", in *Natural Language & Linguistic Theory*, Vol. 14, Nº 4.
- Aon, J. e Sportiche, D. (1983) "On Formal Theory of Government", in *The Linguistic Review*, 2-3, 211-236.
- Bresnan, J. (1990a) "Levels of Representations in Locative Inversion", Department of Linguistics, Stanford University, Stanford, California.
- Bresnan, J. e Moshi, Lioba (1990) *Object Asymmetries in Comparative Bantu Syntax*, in *Linguistic Inquiry*, Vol. 21: 147-187.
- Chomsky, N. (1957) *Syntactic Structure*, Mouton, The Hague.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist Program*, MIT Press, Cambridge Mass, traduzido em Raposo (1999) *O Programa Minimalista*, Caminho, Coleção Universitária, Lisboa.
- Cumbane, Ruy Marcelino Matsimbe (2000) *A construção passiva em Xitshwa*, DM, FLL, Lisboa.
- Cumbane, Ruy Marcelino Matsimbe (2002) "A construção passiva em Xitshwa: sua influência em falantes do português (L2)", in *Cadernos Interdisciplinares 36*, IP, Viseu.
- De Guzman, Videia P. (1987) "Indirect objects in SiSwati". *Studies in African Linguistics*, 18:309-325.
- Firmino, Gregório (1991) *Double Objects in Gitonga*, University of California, Berkeley.
- Firmino, Gregório (1999) *Notas de Seminários – comunicação pessoal*, FLL.

- Gary, J.O. e Keenan, E. L. (1977) *On collapsing grammatical relations in universal Grammar*, in *Syntax and semantic 8: grammatical relations*, ed. by P. Cole and J. Sadock, NY: Academic Press.
- Harford, Carolyn (1991) *Object asymmetries in Kitharaka*, in *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: Special Session on African Language Structures*, 98-105.
- Hudson, R. (1991) *Double object, grammatical relations and proto-roles*, in *Working Papers in Linguistics 3*, London: University College.
- Jackendoff, R. S. (1990) *Semantic Structures*. MIT Press.
- Kiparsky, (1988) "Agreement and Linking Theory", in *Chicago Linguistic Society Meeting*, ms., Department of Linguistics, Stanford University, California.
- Larsson, R.K. (1988) "On the Double Object Construction", *Linguistic Inquiry*, 19:3, 335- 392.
- Marten, Lutz (2002) "The dynamics of Bantu applied verbs: an analysis at the syntax-pragmatics interface. (Submitted to the proceedings of the 3rd World Congress of African Linguistics).
- Machobane, 'Malilo (1990) *Object asymmetries in the Sesotho applicative and causative constructions*. Seminar presentation, CSLI; Stanford University.
- Mateus, Maria Helena Mira et alii (1989) *Gramática da Língua Portuguesa*, 2^a edição, Editorial Caminho, Lisboa.
- Persson, J. A. (1932) *Outlines of Tswa Grammar*, Central Mission Press, Cleveland.
- Radford, A.(1997) *Syntax. A Minimalist Introduction*, Cambridge University Press.
- Rugemalira, Josephat M. (1993) "Bantu Multiple "Object" Constructions", UC, in *Linguistics Analysis*, Vol 23, N^os 3-4.
- Torrego, Ester (1998) *The dependencies of objects*, Linguistic Inquiry Monograph 34, The MIT Press, Cambridge, Massachusetts, London, England. Outubro de 2002